

MICHELLE SABRINA DA SILVA

**Teatro e educação no ensino informal:
uma abordagem pelas diferenças**

BELO HORIZONTE

2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
ESCOLA DE BELAS ARTES

Michelle Sabrina da Silva

**Teatro e educação no ensino informal:
uma abordagem pelas diferenças**

Trabalho de Conclusão de Curso na forma de artigo apresentado ao Curso de Graduação em Teatro – Licenciatura – Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, para obtenção de título de Graduada em Teatro.
Orientador: Prof. Dr. Antonio Hildebrando

BELO HORIZONTE

2015

*A todas as Professoras e também a todas as frentes de resistência
artística e culturais deste país.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
1 - DE ONDE EU FALO E COMO ESSE LUGAR REFLETE NA MINHA PRÁTICA COMO EDUCADORA DE TEATRO.....	7
2 - PROJÓVEM E OFICINA DE TEATRO.....	11
3 - TEATRO NA QUEBRADA.....	15
3.1 - Formato do Circuito teatral.....	16
a. Alguns espetáculos – Teatro na Quebrada 2014 e 2015.....	16
3.2 - Teatro e educação – Mecanismos de convívio e aprendizado.....	21
4 - CONCLUSÃO - UMA ABORDAGEM PELA DIFERENÇA.....	23
5 - REFERÊNCIAS.....	25
6 - ANEXOS.....	27
Anexo 1.....	27
Anexo 2.....	28
Anexo 3.....	30

Teatro e Educação no ensino informal: uma abordagem pelas diferenças

Michelle Sabrina da Silva

Resumo: Este artigo apresenta uma análise de práticas “ativistas” dentro de um projeto social, o PROJOVEM. Relaciona vida, arte, militância política e educação. Uma análise e reflexão feita de dentro, ou seja, a educadora e artista analisa seu próprio trabalho com base em teorias que abordam o estudo das diferenças e diversidade dentro da Educação.

Palavras-chave: Teatro e Educação informal; Ativismo; grupos sociais não centrais, convívio pela diferença.

Resumen: Este artículo presenta un análisis de prácticas "activistas" dentro de un proyecto social, PROJOVEM Adolescente. Relaciona vida, arte, militancia, política y educación. Un análisis y reflexión hechos desde adentro, o sea, la educadora y artista analiza su propio trabajo en base a teorías que abordan el estudio de las diferencias y diversidades dentro de la Educación.

Palabras clave: Teatro y Educación informal; Ativismo, grupos sociales no centrales, convivencia por la diferencia.

INTRODUÇÃO

Ninguém nasce mulher, torna-se mulher.

Simone de Beauvoir

Este artigo apresenta uma experiência prática de ensino teatral “ativista” na educação não formal. A prática acontece no projeto social PROJOVEM, onde atuo como Arte-Educadora de Teatro. Faz-se pertinente comentar que alguns autores advogam a importância dos (as) professores (as) pesquisarem sua própria prática. Faço esta afirmação, pois estarei como educadora participante da pesquisa. Neves (2012) afirma ser importante a reflexão do (a) educador (a) sobre a sua própria prática pedagógica, o que permitirá um melhor entendimento de seu cotidiano educacional.

Seguir-se-á uma análise feita a partir de experimentos práticos educativos para o teatro que aqui serão apontados e refletidos como instrumentos de combate ao preconceito direcionado a grupos sociais que não ocupam posições centrais, ditas “normais” (de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de religião, etc). Uma relação de arte, educação e militância. Serão objetos de análise: As minhas oficinas de Teatro dentro do programa PROJOVEM e o “Teatro na Quebrada”, projeto de minha autoria criado como metodologia de ensino teatral que vem atender os objetivos do programa, bem como promover a socialização e abordar temas sociais. Ambos os objetos de análise funcionam de forma complementar. Através desses dois mecanismos investigarei a inserção dos temas sociais como dispositivos criativos e políticos. Uma tentativa de repensar e agir com propostas em campo sobre uma abordagem educativa e artística pelas diferenças.

Para começarmos a dissertar sobre essa experiência educativa faz-se necessário localizar o lugar de onde eu falo a fim de entendermos as origens desse tipo de trabalho e o porquê da insistência em ensinar teatro a partir de temas que são indispensavelmente sociais. Além de ser educadora também sou mulher negra, homossexual, atriz e ativista, aparentemente essas informações nada tem a ver com a profissão de educar. Mas sim, tem a ver, como indica Miskolci:

Infelizmente, todo mundo é formado para acreditar que aprende a ser professora ou ser professor, a educar, de forma neutra. Como se fosse possível entrar na sala de aula deixando do lado de fora toda a nossa história de socialização. Isso é impossível porque todos/as trazemos uma bagagem cultural para nossas

atividades profissionais, mas, sobretudo, porque educar nada tem de neutro, seus métodos e seus conteúdos têm objetivos interessados (MISKOLCI, 2012, p. 14).

1 DE ONDE EU FALO E COMO ESSE LUGAR REFLETE NA MINHA PRÁTICA COMO EDUCADORA DE TEATRO

Não ocupo um lugar privilegiado na sociedade, primeiro porque sou mulher. Em nosso contexto social, a norma que se estabelece historicamente remete ao homem branco, heterossexual, de classe média urbana e cristão (LOURO, 2001). As conquistas por direitos igualitários ainda estão em processo. Ser mulher negra então, no Brasil, é um dado inexistente no “ranking” do privilégio, pois durante muito tempo o acesso dos (as) negros (as) às escolas e universidades foi raro e somente na década de 1970 se percebe uma considerável presença de estudantes negros (as) nas universidades públicas (CRUZ, 2005). É somente no final da década de 1980 que percebemos um movimento de mulheres negras colocando suas questões e as diferenciando daquelas do movimento branco feminista (NASCIMENTO, 2014). Ser homossexual também não é algo “bem vivenciado” pela sociedade, pois foge dos padrões heteronormativos. Sobre heteronormatividade aponta Miskolci:

A heteronormatividade seria a ordem sexual do presente, na qual todo mundo é criado para ser heterossexual, ou – mesmo que não venha a se relacionar com pessoas do sexo oposto – para que adote o modelo da heterossexualidade em sua vida (MISKOLCI, 2012, P. 15)

Ainda, sou atriz, profissão que até pouco tempo não era legalmente considerada uma profissão e que ainda hoje é comum ser interpretada e desvalorizada com a ideia de que é um *hobby*. Sou artista ativista, integrante do Núcleo de Teatro Aberto Espaço Comum Luiz Estrela, do Bando de mulheres feministas “As Bacurinhas” e do movimento feminista e artístico “Diversas”. Todos esses seguimentos políticos/culturais que integro estão localizados em Belo Horizonte, cidade onde trabalho, estudo e milito a favor das minorias.

As informações acima, que aparentemente nada têm a ver com o ser ou não ser educadora, ganham importância uma vez que entendo que todos os “contextos” mencionados também fazem parte da minha identidade profissional “docente” e que, direta

ou indiretamente, influenciam no meu trabalho como Arte-Educadora de Teatro no programa PROJOVEM. Sobre identidade profissional afirma Marcelo:

A identidade profissional é a forma como os professores se definem a si mesmos e aos outros. É uma construção do seu *eu* profissional, que evolui ao longo da sua carreira docente e que pode ser influenciada pela escola, pelas reformas e contextos políticos, que integra o compromisso pessoal, a disponibilidade para aprender a ensinar, as crenças, os valores, o conhecimento sobre as matérias que ensinam e como as ensinam, as experiências passadas, assim como a própria vulnerabilidade profissional. (MARCELO, 2009, p. 11)

Os contextos sociais, nos quais estou inserida como indivíduo, fazem parte da minha formação contínua. Possuo também uma formação inicial formal artística, pois sou formada no curso técnico de teatro da UFMG (T.U.) e estou cursando licenciatura em teatro também na UFMG, além de realizar trabalhos como atriz dentro da cena teatral mineira, tal formação me capacita para minha principal abordagem que é no campo teatral. Todas as componentes citadas fazem parte da minha formação como educadora teatral e tais referências resultam num processo de ensino teatral “ativista” exercido dentro do meu cargo como arte-educadora de teatro no PROJOVEM. Sobre “Artivismo” Teresa de Jesus Batista de Vieira, em sua dissertação, define como “Estratégias contemporâneas de resistência cultural” – definição que, em minha opinião, esclarece o termo. Vieira cita Fraser “A arte política deve questionar de modo interventivo as relações de poder que a envolvem” (FRASER in VIEIRA, 2007, p. 7).

É importante mencionar que ser ativa na produção artística me torna uma educadora com capacidades diferentes e potentes para o trabalho de “ponta”. A questão sobre “ser professor (a)” ou “ser artista” reflete uma polêmica pautada no questionamento sobre a possibilidade do educador também ser artista. Uma relação que na minha concepção é indissociável dentro de minhas práticas educacionais e no contexto de trabalho em que estou inserida. Ser professora-artista torna meu trabalho mais potente. A dissociação entre artista e educador é embasada no pensamento equivocado de que o (a) arte-educador (a) se ocupa apenas das questões pedagógicas e de que o (a) artista possui o dom (DEBORTOLI, 2015). A capacidade prática artística e minha inserção no “mercado de trabalho teatral” como atriz exercem considerável importância e influenciam no meu trabalho como educadora, pois além do conhecimento teórico sobre técnicas teatrais,

posso ainda uma “bagagem” de experimentação prática dessas teorias e práticas criativas. Sobre a discussão criada da diferença que existe entre um professor artista e um professor não-artista, aponta Debortoli:

No caso da linguagem cênica, essa distância é reforçada por aqueles que encaram o ensino curricular de teatro como uma modalidade inferior às práticas teatrais desenvolvidas fora das instituições de ensino. É certo que o ambiente escolar tem algumas limitações que não são encontradas em espaços designados somente para práticas artísticas. Muitas escolas também não compreendem totalmente as necessidades desta prática e do profissional que a realiza. Estas constatações contribuem para que algumas instituições de ensino não sejam compreendidas como espaços que possibilitam processos artísticos e criativos consistentes. (DEBORTOLI, 2015, p. 02)

Ao contrário de muitas instituições escolares e por se tratar de um ensino informal, o funcionamento de contratação de Arte-Educadores do Programa PROJOVEM atua de modo a dar importância e especial atenção para aqueles que são educadores e artistas atuantes, sendo este um forte pré-requisito para a contratação de Arte-Educadores. Porque se acredita que essa (e) Arte-Educadora detentora (or) de um histórico prático artístico e também teórico será melhor capacitada (o) para proporcionar o acesso do (a) jovem (aluna -o) à cidade, aos bens culturais e educacionais, princípios de acesso e democratização importantes para o funcionamento desse projeto. A formação como atriz também me potencializa na prática docente pelos seguintes fatores: atuo como dramaturga, diretora e encenadora dentro de “sala de aula”. Portanto, consigo dar um direcionamento prático a partir dos exercícios feitos pelos jovens durante as criações de cena. Estar inserida na cena mineira como artista também me orienta no contato com os grupos e artistas da cidade ao fazer a “curadoria” dos espetáculos participantes do projeto de minha autoria “Teatro na quebrada”. Por estar inserida nesse contexto vou frequentemente ao Teatro assistir espetáculos teatrais, o que me traz conhecimento sobre a cena teatral da cidade e me qualifica para a escolha dos espetáculos. Marques in Derbotoli salienta que:

O artista docente é aquele que não abandonando suas possibilidades de criar, interpretar, dirigir, tem também como função e busca explícita a educação em seu sentido mais amplo. Ou seja, abre-se a possibilidade de que processos de

criação artística possam ser revistos e repensados como processos explicitamente educacionais. (MARQUES in DEBORTOLI, 2015, p. 94)

Diante disso, não me coloco somente como professora/educadora dentro da “sala de aula” e também não sou somente artista fora do PROJÓVEM, acredito no espaço da educação como um lugar para o meu exercício criativo também como artista. E considero também que os processos criativos que os jovens vivenciam durante minha oficina também são educativos.

O lugar de onde falo que, por sua vez, reflete na minha forma de “dar aulas”, está diretamente influenciado por uma prática artística e pelo viés político ativista, pois a metodologia experimentada reflete uma necessidade de mudança motivada pela minha condição social. Uma vontade de proporcionar aos jovens, através da educação teatral, visões menos opressoras e mais democráticas, além de apontar que existem diferenças sociais, sexuais, religiosas, etc, e que podemos de certa maneira transformar realidades. Não se trata de supervalorizar o poder do teatro como agente de transformação social, mas também de não subestimá-lo. Se não conseguimos transformar pela arte e educação, pelo menos exercemos a função de proporcionar ao jovem o acesso ao conhecimento e à arte, além de provocar reflexões que têm como temas principais os grupos que ocupam lugares não centrais na sociedade.

Minhas aulas/ encontros e também os trabalhos como atriz profissional são voltadas para o ativismo artístico, este focado no combate às desigualdades e opressões direcionadas a grupos desfavorecidos ou mesmo a grupos que não se enquadram numa lógica/norma que se estabelece como superior. Os (as) jovens do PROJÓVEM em sua maioria não se enquadram nessa realidade dita superior, o que já os (as) coloca em condições desfavoráveis em relação à “norma” de privilégio vigente. Não é à toa que existe esse programa gerenciado pela Secretária de Assistência Social, ou seja, programas como esses visam agir de forma a amenizar ou corrigir danos “justificados” por processos históricos e sociais. Os jovens em sua maioria são negros, pobres e que apresentam diferentes comportamentos sexuais ou de gênero, com os quais a “favela” ainda não está preparada para lidar, aliás, não só a “favela”, mas a sociedade em geral, gerando contextos de violência e segregação que exigem ações mais precisas do Estado.

2-PROJOVEM E OFICINA DE TEATRO

Ocupo o cargo de Arte-Educadora de Teatro no PROJOVEM há pelo menos um ano e meio e percebo que, durante esse tempo, minhas práticas e processos de ensino teatral sempre foram direcionados para a abordagem de temas da diversidade, dos direitos humanos, da equidade de gênero e de relações étnicos e raciais. Como já foi dito, essa forma de trabalhar advém também da relação direta com meus lugares de atuação como atriz e, também, do meu lugar como indivíduo que traz na sua formação social, cultural e histórica lugares desprivilegiados socialmente. O que me forma enquanto indivíduo extra “sala de aula” influencia no meu trabalho como educadora, resultando numa tentativa de educação artística ativista. Por isso, este artigo tem como objeto de investigação a análise teórica de uma experiência prática educativa que visa inserir instrumentos de ensino teatral no combate ao preconceito às diferenças. Vejam que mencionei acima as palavras diversidade e diferença, essas duas palavras propõem abordagens distintas. Aponta Miskolci:

O termo “diversidade” já se arraigou na sociedade brasileira. Quase todos os programas governamentais e slogans dos movimentos sociais vêm com esse termo, mas o que buscamos expressar usando a palavra “diversidade” pode ser repensado e adquirir outro significado, inclusive o de lidar com as diferenças. O termo “diversidade” é ligado à ideia de tolerância ou de convivência, e o termo “diferença” é mais ligado à ideia do reconhecimento como transformação social, transformação das relações de poder, do lugar que o Outro ocupa nelas (MISKOLCI, 2012, p. 15)

Atendendo a essa definição e compreendendo que minhas práticas educativas tendem mais para a abordagem pelas diferenças do que pela diversidade, utilizaremos o termo diferença e não diversidade.

O programa PROJOVEM Adolescente BH é uma iniciativa voltada para jovens com idade entre 14 e 17 anos e realizada pela Prefeitura de Belo Horizonte em parceria com o Governo Federal. O Programa é ofertado nas nove regionais da cidade para jovens bolsistas do Programa Bolsa Família e é composto atualmente por 14 coletivos. A metodologia desenvolvida no programa prevê a abordagem de temas que fomentam

discussões a respeito da “realidade” desses jovens, de seu acesso à cidade e as possibilidades de participação social e de intervenção cultural nas suas comunidades.

Por meio da arte-educação, o programa visa sensibilizar os jovens para os desafios da realidade social, cultural, ambiental e política de seu meio social, bem como possibilitar o acesso aos seus direitos e, também, estimular a prática associativa e diferentes formas de expressão dos interesses, posicionamentos e visões de mundo desses adolescentes e jovens no espaço público. Portanto, todas as minhas abordagens de qualquer tema social proposto por mim ou pela “turma”, que no PROJOVEM chamamos de “Coletivo”, parte de uma provocação criativa direcionada para uma construção/experimentação de uma cena teatral. Assim, além de explorar os possíveis temas sociais, o trabalho que se realiza dentro do CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), através de minha Oficina, objetiva sempre a criação artística voltada para questões críticas/políticas questionadoras da realidade social.

O PROJOVEM funciona da seguinte maneira: É um projeto do governo federal gerenciado pelo município; os jovens cadastrados no programa bolsa família chegam até o CRAS – equipamento pertencente à gerência da prefeitura e que faz atendimento a população local – através da procura dos próprios (as) pais e mães desses (as) jovens, indicação de funcionários do CRAS ou de uma busca feita pelos (as) orientadores (as) sociais locais. Os (as) orientadores (as) sociais são profissionais que acompanham os jovens do PROJOVEM de segunda a sexta, no horário de 14h às 17h. Esses profissionais fazem o acompanhamento dos (as) jovens, orientando-os (as) em relação ao emprego, a comportamentos, à disciplina, aos cuidados com o corpo, etc. As orientações do (a) orientador (a) social são intercaladas durante a semana por oficinas artísticas, ministradas pelos (as) arte-educadores (as). Os (as) arte-educadores (as) que atuam no PROJOVEM são profissionais e artistas pertencentes a diversas áreas artísticas, desde o teatro até o *rap*. Há uma estrutura de “rodízio” nas oficinas ofertadas aos coletivos, cada arte-educador (a) passa por um coletivo semestralmente, ou seja, se nesse semestre o coletivo da região do Morro das Pedras - BH recebeu a oficina de teatro, no semestre seguinte ele receberá a oficina de *rap*, de forma que todos coletivos têm a oportunidade de receber oficinas de diferentes linguagens artísticas.

As oficinas de cada arte-educador (a) são ofertadas aos jovens uma vez por semana, num período máximo de três horas, de 14h às 17h. O número de jovens por turma

ou coletivo é de até 20 alunos (as). Os (As) jovens recebem um lanche sempre ao final de cada atividade ou oficina. Realizam passeios culturais/ educativos, proporcionando-lhes, assim, o acesso à cidade e aos bens culturais.

Diante das condições de funcionamento do PROJOVEM e também da estrutura física e material disponível para a realização das oficinas, às vezes fica difícil realizar alguns processos teatrais. Realizar uma aula apenas uma vez por semana também se torna um desafio para trabalhar de maneira aprofundada o teatro e, por isso, pretende-se com essas oficinas no PROJOVEM – não só a de teatro – oferecer um contato com a linguagem artística e não necessariamente ter a pretensão de que estamos preparando artistas, no caso atores e atrizes.

As minhas oficinas são preparadas para cada coletivo semestralmente, ou seja, nunca são iguais uma às outras, em cada coletivo trabalho um tema diferente e também sigo linhas criativas diferentes. Porém, todas as oficinas, independentemente de em qual coletivo eu esteja, seguem uma linha de pensamento ou uma ética profissional criada por mim para esse programa, que atende os princípios de funcionamento do PROJOVEM e tem como objetivo trabalhar noções básicas teatrais para a construção de espaços (in)comuns de discussões pertinentes a realidade do (a) jovem de periferia¹.

Todas as oficinas ministradas até o momento trabalharam temas sociais distintos com foco para a criação artística. Esse trabalho se afirma por uma escolha clara: A prática do “ativismo” dentro da educação. Se podemos transformar algo é pela educação. Segundo Maria Cristina do Nascimento in 18º REDOR, em *Artivismo Feminista: Loucas de Pedra Lilás na luta Antirracista*, “o teatro sempre terá uma função social, mas há aquele teatro que leva essa função como a principal, na perspectiva de teatro político, engajado, teatro aliado ao ativismo social, denominado como ARTIVISMO” (NASCIMENTO in 18º REDOR, 2014, p.3296).

Diante da recente democracia brasileira e por isso também diante de um contexto de lutas, faz-se necessário mais do que nunca repensar algumas estruturas pedagógicas e agir em direção a um trabalho de arte-educação ativista baseado na resistência e militância, principalmente na educação, pois nosso sistema educacional ainda segue princípios de ordem militar. Sobre o processo educacional brasileiro aponta Miskolci:

¹ É possível consultar em anexo a este artigo a estrutura metodológica das oficinas.

No Brasil, em meio ao processo de universalização do ensino básico que se dá a partir da década de 1990, a educação passa a ser tensionada pelo contato recente com grande parte da população que, historicamente, nunca tinha sido atendida pelo Estado, a não ser, talvez, por meio do sistema de saúde. Ao mesmo tempo, as reivindicações dos movimentos sociais ganharam maior atenção pública ao questionar concepções sobre o que seria a nação brasileira. Em outros termos, graças à consolidação da democracia após décadas de regime militar, ficou patente que a sociedade brasileira se revelaria incapaz de lidar com as diferenças étnico-raciais, de gênero e sexuais. Diferenças ignoradas e sufocadas durante a ditadura afloraram na democracia clamando por reconhecimento e aceitação. (MISKOLCI, 2011, p. 37)

Assim como mencionou Miskolci, foi somente com “pressão” dos movimentos sociais e o fim do regime militar que começaram a entrar em discussão a questão das diferenças e das dificuldades de como lidar com elas. Desde a década de 90 – primeira década a viver por inteira o regime democrático – é que se luta por direitos iguais. A luta é recente. Por isso ainda encontramos um quadro de sociedade tradicional e moralista, resquício também de um processo educacional com bases no regime militar. Portanto, faz-se mais que necessário pensar e colocar em prática mecanismos para a construção de uma sociedade que consiga se transformar pelo convívio com as diferenças. A abordagem feita em minhas oficinas teatrais, as quais, como mostraram os planos de aula em anexo, se baseiam na abordagem de temas, como: machismo, homofobia, racismo e tolerância religiosa, é uma tentativa de proporcionar reflexões e mudanças através de mecanismos – mesmo que ficcionais – de ação.

A Educação é capaz de “moldar” indivíduos, sobre isso também afirma Miskolci:

A maioria das crianças e adolescentes – em busca compreensível de aceitação e sobrevivência – aceita ou se deixa moldar pelas demandas educacionais cujo conteúdo normativo violento – mais frequentemente do que gostaríamos de constatar – não é reconhecido nem mesmo pelos educadores/as como algo a ser discutido e questionado (MISKOLCI, 2011, p. 12)

Diante da realidade educacional e do poder que a educação tem na formação de crianças e adolescentes, torna-se mais do que pertinente pensar e agir na criação de

mecanismos de trabalhos educacionais que sejam agregadores. Por isso, outra ferramenta pedagógica importante que surgiu como complemento para minhas oficinas é o “TEATRO NA QUEBRADA”.

3-TEATRO NA QUEBRADA

O circuito cultural “TEATRO NA QUEBRADA” – projeto de minha autoria, realizado dentro do programa PROJOVEM – caracteriza-se como uma estratégia metodológica para o ensino teatral e também visa levantar discussões acerca de temas sociais. Uma proposta de ensino muito simples que proporciona o acesso do jovem de periferia ao teatro não-comercial. É importante ressaltar que muitos desses adolescentes nunca foram ao teatro e têm sua primeira experiência ao assistirem os espetáculos apresentados no “TEATRO NA QUEBRADA”. Os espetáculos escolhidos nesse projeto contêm em sua dramaturgia e encenação temas como: gênero, diversidade, sexualidade, raça/etnia e violação de direitos humanos e são realizados por profissionais da área, inseridos na cena teatral belorizontina. Os espetáculos são escolhidos por mim, de acordo com os temas que pretendo trabalhar com os jovens em minha oficina. A escolha desses espetáculos também prioriza a qualidade e excelência artística. A tática/instrumento de ensino que se tornou o “TEATRO NA QUEBRADA” atende a função de ensinar teatro e também de levantar o tema social para discussão junto aos jovens.

O projeto “TEATRO NA QUEBRADA” surge principalmente da provocação de minhas oficinas de teatro “Trocadas e aprendizagens (IN)comuns”, que pretende transformar os encontros entre educadora e jovens participantes das oficinas em um espaço que vai para além da transmissão de conhecimentos e técnicas teatrais, e sim, em um lugar (in)comum onde todos podem construir aprendizagens e ensinamentos através de um processo de trocas artísticas e expressivas. O mote principal do “TEATRO NA QUEBRADA” é possibilitar que os adolescentes e jovens do Programa PROJOVEM Adolescente tenham acesso ao teatro e a espaços públicos culturais da cidade; proporcionar através do teatro a convivência e saber sobre as diferenças. É sabido que Belo Horizonte oferta de maneira tímida uma grade de programação teatral diurna, o que dificulta o acesso desses adolescentes participantes do programa à experimentação dessa linguagem, uma vez que, os mesmos não podem participar de atividades noturnas. Desse modo, o circuito vem

ao encontro do meu desejo e necessidade de preparar um ambiente que possibilite aos jovens do programa acessar o teatro, propiciar o encontro do (a) jovem com o artista proporcionando a troca de conhecimentos e vivências que tem a ver com o tema proposto por cada espetáculo, agregar conhecimentos acerca de processos criativos e políticos. O circuito também coloca em questão a necessidade de pensarmos uma programação que dialogue com as temáticas juvenis, tais como: gênero, diversidade, sexualidade, raça/etnia e violação de direitos humanos de jovens moradores das periferias urbanas. Esse circuito faz valer princípios e direitos instituídos pelo Estatuto da Juventude², no que dizem respeito à Educação e Cultura. Consta no Estatuto da Juventude sobre os direitos dos jovens: direito a cidadania; direito a educação; direito a diversidade e igualdade sem discriminação por motivo de etnia, raça, cor de pele, cultura, sexo, orientação sexual, religião, opinião; direito à cultura; direito ao lazer.

3.1-Formato do Circuito Teatral

O circuito “TEATRO NA QUEBRADA” acontece em espaços culturais distintos da cidade: Centros culturais; Centros de Referência da Assistência Social (CRAS); teatros locais, sedes de grupos de teatro, museus; praças e parques.

As apresentações se iniciam sempre às 14h e sua programação tem duração de três horas. Uma hora de apresentação seguida por uma hora de roda de conversa sobre os processos criativos das companhias e suas realidades. Do segundo semestre de 2014 até o 2º semestre de 2015 já passaram pelo circuito nove espetáculos/ produções locais.

a. Alguns espetáculos – Teatro na Quebrada 2014 E 2015

TODA DESEO - NO SOY UN MARICÓN:

A TODA DESEO é agrupamento de sete artistas envolvidos com questões relacionadas ao ‘Universo Trans’. O coletivo, em sua maioria composto por homens gays, reflete sobre as questões relacionadas a esse ‘Universo Trans’ – termo aqui utilizado no intuito de abarcar e ampliar o leque das possíveis definições relacionadas às

² Acesso em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm>

“transformações de gênero”. Os integrantes navegam pela dança, teatro, *performance art*, letras e psicologia. NO SOY UN MARICÓN, Festa-Espetáculo, é um convite ao público para uma festa real. Nela são apresentados quatro *Pockets-Shows* Fechativos, realizados por atores ‘montados’, que narram a história de quatro travestis e de suas trajetórias em busca da fama. Vidas que passam do anonimato à fama, e da fama à decadência. Os *Pocket-Shows* têm duração de quinze minutos e, durante os intervalos, a música continua comandada por uma DJ.



Figura 1: No Soy Un Maricón. Apresentação no Centro de Referência da Assistência Social Novo Arão Reis.
Fonte: ACERVO PROJOVEM.



Figura 2: No Soy Un Maricón. Plateia no Centro de Referência da Assistência Social Novo Arão Reis.
Fonte: Acervo PROJOVEM



Figura 3: No Soy Un Maricón. Bate-papo no Centro de Referência da Assistência Social Novo Aarão Reis.

Fonte: Acervo PROJOVEM

ZAP 18 - MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE UM NEGUINHO:

O solo ‘Memórias Póstumas de um Neguinho’ conta, a partir de histórias pessoais e memórias coletivas, a trajetória de um homem negro em seu processo de auto-aceitação. O espetáculo/performance é dividido em dois movimentos distintos, que acontecem em sequência e se entrelaçam. “Memórias Póstumas de um Neguinho” tem direção de Cida Falabella. O Ator/criador do solo "Memórias póstumas de um neguinho" Lucas Costa é professor licenciado em teatro pela UFMG e integrante da ZAP 18.



Figura 4: Memórias Póstumas de um Neguinho. Apresentação para o PROJOVEM na ZAP 18.

Fonte: Acervo PROJOVEM.



Figura 5: Memórias Póstumas de um Neguinho . Jovens tocando no cabelo do ator em apresentação para o PROJÓVEM na ZAP 18.

Fonte: Acervo PROJÓVEM.

GRUPO DOS DEZ – MADAME SATÃ:

Um espetáculo poético e político sobre a luta de invisíveis. Madame Satã é o terceiro espetáculo do Grupo dos Dez e o segundo dirigido por João das Neves que se dedica à pesquisa de linguagem sobre o teatro musical e suas possibilidades. Em Madame Satã, o grupo se vale da biografia de um dos mais peculiares personagens brasileiros para dialogar com questões que permeiam a crítica contra a homofobia e o racismo. Com trilha sonora inédita, o espetáculo é entrecortado por textos ora poéticos, ora combativos, e traz à tona não apenas a biografia de Satã, mas dá visibilidade às pessoas à margem da sociedade que não se enquadram na heteronormatividade vigente.



Figura 6: Madame Satã. Apresentação para o PROJOVEM no espaço cultural Tambor Mineiro

Fonte: Acervo PROJOVEM



Figura 7: Madame Satã. Apresentação para o PROJOVEM no espaço cultural Tambor Mineiro. Conversa após espetáculo.

Fonte: Acervo PROJOVEM

3.2-Teatro e educação – Mecanismos de convívio e aprendizado

Se as oficinas teatrais exercem a função criativa e também reflexiva sobre os temas sociais propostos como conteúdo dramático, o “TEATRO NA QUEBRADA” proporciona aos (às) jovens um contato com uma obra teatral e também o convívio e troca com os (as) artistas. Muito interessante observar que a partir do momento em que os (as) jovens entram em contato com um espetáculo teatral com uma temática “trans”, por exemplo – como foi o caso do espetáculo “NO SOY UM MARICÒN - eles (as) demonstraram certo incômodo, através de piadas e comentários homofóbicos, transfóbicos e machistas, quando viram entrar em cena três atores interpretando travestis. Também é interessante notar que no decorrer da peça esse incômodo vai mudando e se transforma em admiração, por causa da maestria cênica com que aqueles atores demonstraram suas habilidades e domínio sobre aquela encenação. Os atores dançaram e interpretaram de forma precisa e coerente com as personagens a ponto de um dos jovens chegar a comentar com admiração: “*Nú fessora, ele dança melhor que mulher!*”. Ao final do espetáculo os (as) jovens tiveram uma conversa com os (as) artistas. Os atores se posicionaram como homossexuais e falaram da importância de se colocar em cena discursos de pessoas que sofrem preconceitos e violências diárias simplesmente pelo fato de agirem como são.

O espetáculo “Memórias Póstumas de um Neguinho” trouxe uma abordagem muito próxima da realidade da maioria dos (as) jovens do Projovem que são jovens negros(as). O espetáculo “Neguinho” fala dessa mutilação da identidade visual do negro. Por que não viver com o cabelo crespo? Por que é preciso esconder meu cabelo crespo por trás de um boné? Por que preciso alisar meu cabelo crespo? Interessante notar que o espetáculo propõe uma discussão sobre a identidade para um público – como os jovens do Projovem – que apresentam em sua identidade visual essa mutilação da negritude. Ao final do espetáculo o ator (Lucas Costa) fala de seu processo de vida com o seu cabelo e como isso refletiu na sua aceitação como indivíduo negro. Fala da necessidade de matar o “Neguinho”, termo usado no sentido pejorativo, por isso as “Memórias Póstumas de um Neguinho”. Um espetáculo que proporcionou o convívio com uma realidade ficcional e também real.

O espetáculo “Madame Satã”, por sua vez, traz para a cena como protagonista uma personagem travesti negra. Uma abordagem que revela uma ancestralidade das manifestações culturais negras e também aborda a atual realidade das travestis brasileiras.

Houve durante o espetáculo uma cena em que todos os atores e atrizes se beijam, formando casais que apresentavam para o público um leque de combinações afetivas, uma cena muito polêmica para os (as) jovens do PROJOVEM. Nesse momento, percebia-se uma reação barulhenta na plateia, ouvia-se desde “Eca” até o famoso “Uhu!”. O beijo depois foi comentado em conversa com os artistas. Um dos atores ao se colocar para os jovens como homossexual, enfatizou e questionou o porquê de uma cena de amor e afeto ganhar mais protagonismo do que a cena de morte de uma travesti, essa também apresentada no espetáculo.

Todos os espetáculos assistidos pelos jovens depois são comentados em uma aula específica para a análise da obra. Os espetáculos, obviamente, demandam aprofundamento nas discussões apresentadas pelos artistas, mas não deixamos de analisar também toda a obra, seus elementos sonoros, o figurino, o cenário, atuação, etc. Análise de arte e realidade social. Uma provocação de discussão social que vem da arte.

4 CONCLUSÃO - UMA ABORDAGEM PELA DIFERENÇA

As oficinas de teatro realizadas no PROJOVEM e também “O TEATRO NA QUEBRADA” proporcionam aprendizado de teatro aos jovens pela abordagem das diferenças, transformando os conteúdos artísticos em provocações e reflexões sociais. O “TEATRO NA QUEBRADA” propõe um contato com a arte e a “convivência” com as diferenças. Uma tentativa de produzir a heterogeneidade dentro da educação e fugir de padrões pedagógicos homogêneos. Não se trata de “querer” criar o pensamento conformista da tolerância e aceitação, reafirmando o poder vigente da “norma” do homem, branco e heterossexual, mas trata-se de localizar e afirmar que existem estruturas de poder. Onde estamos dentro dessas estruturas de poder? O que o teatro tem a ver com isso?

Precisamos da pedagogia do intolerável, explica Anete Abramowicz, Tatiane Consentino Rodrigues e Ana Cristina Juvenal da Cruz:

Na realidade precisamos de uma pedagogia do intolerável. Temos assistido passivamente um processo de aniquilamento sutil e despótico das diferenças: seja sexual, racial, étnico, estético, entre outras, ao mesmo tempo em que há uma resistência cotidiana a esta processualidade de submetimento realizada por pessoas ou coletivos sociais excluídos, a pedagogia do intolerável não é a monumentalização da tragédia, do miserabilismo ou da vitimização. Nada tem a ver com isto. É a afirmação absoluta da vida, resistência do poder da vida contra o poder sobre a vida, resistência inabalável ao aniquilamento e a uma vida não fascista que se faz a toda hora e todo dia e por cada um. (ABRAMOWICZ, CONSENTINO, CRUZ in CONTEMPORÂNEA, 2011, P.96)

A reflexão acima explicita muito bem o que se tenta fazer com esse trabalho. Um teatro ativista dentro do processo educativo, sem hierarquias opressoras e sem a proposta de passar um saber com verdades absolutas, mas a partir de provocações que dão noções de estruturas de poder. Ainda segundo Abramowicz, Rodrigues e Cruz, a escola produz um corpo e estética, o corpo branco e heterossexual é o exemplar. É possível fugir desse padrão. Sobre isso aponta Guatarri in Abramowicz, Rodrigues e Cruz:

Quando pretendemos mudar as relações na escola, precisamos mudar todo o caráter desta iniciação, o que não é nada fácil, pois devemos fazer a mudança em nós mesmos. O racismo, o preconceito, toda uma micropolítica fascista que

exclui a diferença, colocando-a no lugar do desvio, dá certo, pois cada um de nós trabalha ativamente em favor desta lógica. (GUATARRI in ABRAMOWICZ, RODRIGUES, CRUZ, 2011, p. 12)

O PROJÓVEM não é um ensino de educação formal, por isso também tenho uma liberdade para exercitar essas novas formas de pensar a educação. Sabemos que no Brasil há e houve várias tentativas de introduzir essa linha de pensamento heterogêneo da educação, no entanto, enfrentamos várias retaliações e críticas a essas novas propostas. Cite-se como exemplo o projeto do deputado federal Jean Wyllys que propunha a introdução de um material didático que abordasse a questão da homoafetividade e não foi aprovado por nossas autoridades e, também, a polêmica gerada pela prova do ENEM 2015 (Exame Nacional do Ensino Médio), que propunha como tema “A persistência da violência contra a mulher na sociedade brasileira”. O tema que foi duramente criticado por representantes políticos de direita – homens, brancos, cristãos e heteronormativos, justamente a norma vigente – justificando seu machismo e preconceito com brigas políticas, dizendo que se tratava de um tema de esquerda.

É preciso detonar a micropolítica fascista que exclui a diferença. Trago isso forte nas minhas manifestações enquanto atriz e também como educadora. Entendo que esses dois lugares – o teatro e a educação – são potentes para transformações e, por isso, meus trabalhos seguem e seguirão essa vertente artista. As oficinas de teatro no PROJÓVEM e também “O TEATRO NA QUEBRADA” são tentativas de agir na criação de uma lógica pedagógica heterogênea, menos violenta e menos normatizadora.

5-REFERÊNCIAS

ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane Consentino; CRUZ, Ana Cristina Juvenal da. A diferença e a diversidade na Educação. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós- Graduação em Sociologia da UFSCAR, 2011, n.2.p. 85 – 97. Disponível em: <<http://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/download/38/20>> Acesso em: 01 dez. 2015.

CRUZ, Mariléria dos Santos. Uma abordagem sobre a história da educação dos Negros. In: História da Educação do Negro e outras histórias. Brasília: MEC/BID/UNESCO, 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=649-vol6histneg-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 22 nov. 2015.

DEBORTOLI, Kamila Rodrigues. Professor e artista ou professor - artista? CEART - Centro de Artes da UDESC- Universidade do Estado de Santa Catarina, 2015. Disponível em: <http://www.ceart.udesc.br/dapesquisa/edicoes_anteriores/8/files/01CENICAS_Kamila_Rodrigues_Debortoli.pdf> Acesso em: 02 dez. 2015.

Estatuto da Juventude. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato20112014/2013/Lei/L12852.htm> Acesso em: 9 dez. 2015.

LOURO, Guacira Lopes. *O Corpo Educado: Pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001.

MARCELO, Carlos. Desenvolvimento profissional docente: passado e futuro. In: Sísifo. Revistas de Ciências da Educação nº 08, 2009, pp. 7-22.

MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. In: Cadernos da Diversidade. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2012.

NASCIMENTO, Maria Cristina do. *Artivismo Feminista: Loucas de pedra lilás na luta antirracista*. Revista 18º Redor. Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife – PE, 2014. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/18redor/18redor/paper/viewFile/2221/839>> Acesso em: 30 nov. 2015.

NEVES, Ângela Balzano. *Oficinas de Jogos teatrais e suas repercussões em escolares*, 2012. 111 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

VIEIRA, Teresa de Jesus Batista. *Artivismo: Estratégias artísticas contemporâneas de resistência cultural*. Universidade do Porto da Faculdade de Belas Artes. Portugal, Porto, 2007.

6-ANEXOS:

Anexo 1: Ementa geral da oficina - Estrutura metodológica de trabalho.

Oficina: Teatro, troca e aprendizagens (in)comuns.

Arte-Educadora: Michelle Sá

Público: Jovens não-atores

Objetivo: Essa oficina trabalhará noções básicas teatrais para a construção de espaços (in)comuns de discussões pertinentes a realidade do (a) jovem de periferia.

Apresentação: A formação teatral aqui proposta pretende transformar os encontros entre educadora e jovens em um espaço que vai além da transmissão de conhecimentos e técnicas teatrais. Deseja-se chegar, juntamente com os jovens, num lugar (in)comum, onde possamos construir aprendizagens e ensinamentos através de um processo de troca artística/expressiva. Esse espaço terá como via principal o Teatro. Essa formação não tem como objetivo principal formar ou transformar os (as) jovens em atores e atrizes, mas sim encontrar possibilidades dentro do teatro de libertação do corpo/pensamento expressivo e crítico, onde possam se expandir ou ganhar visibilidade ou serem considerados em suas singularidades dentro do coletivo, comunidade, cidade e mundo. Um caminho mais para o encontro ou reconhecimento de uma identidade expressiva do jovem do que propriamente para aplicar técnicas teatrais a serviço de um ideal artístico teatral.

Metodologia: Pretende-se sempre ter o tema social dentro dos processos criativos realizados junto aos jovens. Esses processos seguirão distintas linhas de trabalho ou técnicas teatrais criativas que serão escolhidas pela arte-educadora para cada um dos coletivos que se realizará o trabalho. Os processos vivenciados não tem a obrigatoriedade de apresentação de um produto final, mas trabalha-se durante toda a oficina na construção de um material ou obra que seja artística/teatro.

Anexo 2: Oficinas realizadas durante o meu percurso no PROJOVEM:

2º SEMESTRE/ 2014 - <u>OFICINA: TEATRO, TROCA E APRENDIZAGENS (IN)COMUNS</u>
Local: Pedreira Prado Lopes
Coletivo: CRAS PPL
Tema: Machismo e homofobia
Técnica escolhida para trabalho: Teatro do Oprimido Augusto Boal
Processo: O trabalho teatral com o coletivo da PPL surge da necessidade de se abordar dois temas: o machismo e homofobia. Para isso utilizei princípios do teatro do Oprimido de Augusto Boal, levei situações que poderíamos encenar e provoqueei os jovens a criarem situações de homofobia e machismo. As improvisações que surgiam eram discutidas e problematizadas. Ao decorrer do processo criativo conseguimos criar uma cena curta que abordasse o tema machismo. A cena não chegou a ser encenada em público, mas resultou num material dramaturgico nomeado de TEATRO - MOVE QUE TE MOVE.
Resultado artístico: Ver texto dramático 1

1º SEMESTRE/ 2015 - <u>OFICINA: TEATRO, TROCA E APRENDIZAGENS (IN)COMUNS</u>
Local: Morro do Papagaio
Coletivo: CRAS Santa Rita
Tema: Intolerância religiosa
Técnica escolhida para trabalho: Performance e instalação cênica

Processo: O trabalho com o coletivo CRAS Santa Rita inicia-se com uma proposta de trabalhar a interdisciplinaridade e uma vontade minha de aprofundar no ensinamento de conceitos artísticos para os jovens. Por isso surge o Projeto de Oficina *A Última Ceia* – *Memória Gustativa e Instalação Cênica* que tem como propósito a conciliação de três frentes artísticas: a memória gustativa com viés literário/narrativo, a instalação/escultura, a encenação/performance, propiciando momentos de discussões e reflexões políticas no campo da arte e das questões socioculturais da localidade e seus respectivos participantes . A partir de provocações artísticas naturalmente surgiu a questão da intolerância religiosa, provocada pelo estudo da obra “A última Ceia” de Leonardo da Vinci. Para realização desse projeto tive a participação da Patrícia Brito que trabalhou a alimentação dos jovens e Felipe Arthur que trabalhou escultura e instalação.

O processo inicia-se com introdução a técnica teatral de improvisação, depois partiu para estudos relacionados à memória gustativa dos participantes, a considerar narrativas e histórias em torno dos alimentos que fazem parte de suas vidas, e assim trocar informações, receitas, que foram levantadas como histórias e memórias para compor o banquete para a releitura da Última Ceia de Leonardo Da Vinci. A releitura da obra de Da Vinci provocou reações no âmbito da discussão religiosa. Durante o processo tivemos várias discussões relacionadas à criação, mas a sua fruição criativa foi de certa forma impedida pela discussão religiosa. Tanto que ao perceber o conflito sem chances de resolução, direcionei o trabalho para uma discussão sobre o amor, uma tentativa de achar um lugar comum sobre todas as manifestações religiosas, o amor atendia a todos (as) independente de sua orientação de crença. O trabalho levantado durante esse semestre com o Coletivo do CRAS Santa Rita resultou em uma instalação cênica e leitura dramática apresentada ao público local durante um evento organizado pelo CRAS Santa Rita. E a cena que se criou chamou-se “Última Ceia – Congresso Internacional do Amor”.

Resultado artístico: Ver texto dramático 2

1º SEMESTRE/ 2015 - OFICINA: TEATRO, TROCA E APRENDIZAGENS

<u>(IN)COMUNS</u>
Local: Região Venda Nova
Coletivo: CRAS Biquinhas
Tema: Racismo e machismo
Técnica escolhida para trabalho: Teatro de Cordel
Processo: O trabalho teatral com o coletivo Biquinhas parte do teatro de Cordel. Apresentei aos jovens características desse teatro e também levei a literatura de cordel para eles terem contato. Os jovens escolheram dois cordéis para encenarem, “A intriga do Galo com a Raposa” e “A Revolta dos pretos”. Ao decorrer do processo optamos em encenar somente um dos Cordéis, este foi “A intriga do Galo com a Raposa”. Este trabalho foi apresentado ao público no final do 1º semestre de 2015. Segue no anexo o texto adaptado para o Teatro de Cordel.
Resultado artístico: Ver texto dramático 3

Anexo 3: Textos dramáticos

Texto Dramático1
TEATRO - MOVE QUE TE MOVE
A cena se passa dentro do ônibus.
Narrador (Cleison): Esse é o teatro que se passa no ônibus. <p style="text-align: center;">Se você não quer brincar não entre na estação. Aqui a ideia é boa só tem desconstrução: Do preconceito, desrespeito, intolerância e agressão.</p>

Narradora (Eduarda): Os jovens do projovem tão tudo em ação

Agora vão construir um texto, dramatização.

Dos temas punk, criaremos texto funk.

Porque a cena flexível e pode construir um futuro possível.

Narrador (Cleison): Daremos início essa história como ofício.

Lá vem o busão, lugar da ação.

Senhoras e senhores preste atenção.

Que aqui o papo é reto, não tenham distração.

A história vai começar e você não quer ficar...

Com a mente parada no ar.

Os dois narradores (Eduarda e Cleison): Move sua mente, entre nesse move e não seja mais demente.

(Todos os outros atores estão de preto sentados na lateral do ônibus como se esperassem o MOVE).

Carol entra em cena, senta no busão. Liga o busão e coloca seu foninho de ouvido e começa a cantar.)

Motorista (Carol) : Lá vem o busão todo lotadão.

Vou te catar, vou te catar, vou te catar...

Pegando esse povo na estação.

Trazendo essa gente todo dia.

Subindo a ladeira com melodia. Êêêê... (2x)

Motorista (Carol) – Estação Pampulha.

No ponto de ônibus tem fila pra entrar, confusão. Entram todos, velho, velha, duas jovens estudantes, donas de casa, trabalhadores. O ônibus começa a andar – coreografia do busão. Ligou o ônibus, arrancou (movimento pra frente e pra trás), ônibus andando normal (movimento de tremer), curva direita, curva esquerda,

parou. Entra vendedor de bala.

Vendedor (Anão): Quem vai querer, quem vai querer, aqui moça bonita não paga mais também não leva. Tem de tudo, chocolate, pipocas He-men , milho pan e paçoca. Você dona de casa, soca paçoca no seu marido, ele vai gostar, soca paçoca. Soca a paçoca no seu marido, porque ele vai gostar.

Passageira: Me dá uma paçoca aí. Meu marido tá precisando, ouvir falar que amendoim é bom pra cabra brocha. Quanto que é?

Vendedor (Anão): 10 paçocas por 5 reais. (Pega o dinheiro) Muito bem dona, aqui o serviço é eficiente.

Passageira: Obrigada.

Vendedor (Anão): ô motorista para aí no próximo ponto que eu vou pegar outro Move, esse povo aqui tá muito pão duro, muito amarrado.

(Motorista para e vendedor desce - Ponto de ônibus: entra mulher)

Ônibus começa a andar - ação: todos tremendo

Mulher: (Está em pé e se senta do lado de um homem) Licença.

Homem: Toda licença do mundo, princesa. Fique a vontade, bonita.

(Enquanto isso outros atores e atrizes estão no ônibus lendo jornal e fazendo coisas normais que se fazem em ônibus)

Homem: (Homem começa a relar a perna mulher)

Mulher: (Reclama e afasta um pouco do homem) Ei, cuidado.

Homem: (Começa a apoiar sua perna na perna da mulher)

Mulher: Ou... quem você tá pensando que sou? Para com isso seu safado.

Homem: Foi um acidente, stressadinha. O ônibus aí que tá balançando. Tá lotado o busão.

(Ninguém faz nada e continuam normalmente no ônibus)

(Um pouco depois o homem começa a relar a perna de novo e passa a mão da coxa da moça)

Mulher: Que isso seu folgado, você me respeita. **(Ela se levanta e segue viagem em pé)**

Homem 1: As mulheres reclamam de tudo e pensam que todo homem quer ficar

pegando, relando nelas.

Mulher: Motorista, para no próximo sinal que eu quero descer.

Homem: Para pra mim também.

(Ônibus para e os dois descem)

Estátua – todos param para o narrador falar.

Narrador: Essa mulher desceu sozinha e atrás dela também desceu um possível agressor...Quantas mulheres passam por isso? E isso é normal? Até quando o machismo continuará imperando sobre o corpo e alma das mulheres?

Motorista (Carol): Estação Venda Nova

Moço bonito: Boa tarde.

Motorista (Carol): Boa tarde, bonitão.

Duas moças estão sentadas no banco da frente – na blusa delas está escrito feministas.

As moças: Nossa que delícia. Ah muleque lek lek lek...

Moça1: (Dá lugar pro moço bonito sentar) Pode sentar aqui, eu já vou descer.

Moça 2 : Quer que segure sua mochila?

Moço bonito: Obrigado. **(senta)**

Moça 1: (Começa a relar a perereca nele disfarçadamente)

Moço bonito: Começa a se sentir incomodado. **(se afasta um pouco)**

Moça 2: Quantas horas são?

Moço bonito: 13h

Moça 2: Qual ponto você vai descer? Eu lhe fiz uma pergunta? Eu estou querendo saber em qual ponto você vai descer?

Moço bonito: O que você quer?

Moça 2: Se você tivesse me perguntado, eu teria respondido: vou descer em qualquer ponto perto de um motel e você poderia descer comigo, nós poderíamos passar uns bons momentos juntos.

(A moça enquanto falava acariciava o rapaz, sob o olhar surpreso dos passageiros,

que mal acreditavam na cena. O rapaz tentava escapar, mas ela o impedia)

Moça 1: Sabe que você é muito bonito? Sabe que eu estou com uma vontade louca de te beijar?

(O moço bonito tentava escapar, mas ficava preso entre as duas mulheres.)

Passageiro1: Que pouca vergonha, essas moças estão loucas.

Passageiro2: Bando de piranhas.

Moça1: Vocês são hipócritas, quando a moça estava sendo abusada pelo rapaz aqui na cara de vocês, vocês não fizeram nada.

Passageiro 3: Ninguém fez nada com a moça, você tá doida. Foi um acidente, a moça que tava stressada.

Moça 2: Se a mulher não foi defendida por vcoês, porque que vocês tão defendendo esse rapaz?

Passageira 1 : Se um homem tem direito de assediar uma mulher, a mulher também tem direito de assediar o homem, tem direito de pôr suas mãos sobre um homem se ele a atrair de alguma forma.

Senhora: Ela tem toda razão, é uma beleza mesmo esse rapaz e nós deveríamos ter esse direito!!!

Homem2: É a lei da natureza! Se diante de uma mulher bonita um homem não tomar uma atitude é porque a natureza falhou...

Passageira 2: É...mas se uma mulher comete um assédio é uma aberração e não lei da natureza. Tá bom viu!

Homem 3: Homem que é homem não nega fogo.

Homem 4: Vocês acham isso? Acham que o homem tem o direito de passar a mão nas mulheres no ônibus?

Homem 5: (com a namorada do lado) Sim, eu acho. Elas provocam!

Homem 4: Desculpe então: era exatamente isso que eu ia fazer com sua namorada – e fez menção de acaricia-la.

Simulação de briga.

Motorista: Opa, opa, vamos parar com essa briga, porque esse move tem que mover. Vamos sair do lugar. Se liga aí, gente! Se move!

Música: Lá vem o busão todo lotadão.

Vou te catar, vou te catar, vou te catar...

Pegando esse povo na estação.

Trazendo essa gente todo dia.

Subindo a ladeira com melodia. Êêêê... (2x)

FIM!

Texto dramático 2

A ÚLTIMA CEIA – CONGRESSO INTERNACIONAL DO AMOR

(Todos estão sentados em volta da mesa e vestidos com trajes fino – Em cima da mesa estão os braços em forma de esculturas e a comida feita pelos próprios jovens)

Imagem congelada da Última Ceia – música “Vida Loka Também Ama – Bó do Catarina”

Narrador (Kesley): (o mesmo que faz Jesus no centro) Em volta da mesa se reúnem homens e mulheres para comerem, beberem e conversarem sobre diversos assuntos.

Numa mesa de bar, por exemplo, costuma-se falar de futebol e mulher.

E eles comem torresmos e bebem cachaça.

Comentário à parte sobre cruzeiro e Atlético - Nicolas e Breno

Voz homem 1 (Nícolas): O cruzeiro é um time de “talentos”. O Fábio Jr tá lento, o Ricardinho tá lento, o Geovani tá lento...

Voz homem 2 (Breno): Qual a diferença de ver o Rio Arrudas de perto e o Cruzeiro jogando? É que você só vê bosta correndo.

Narrador (Kesley): OK. Outro exemplo de reuniões em volta da mesa é o almoço de família, o irmão briga com a irmã, o pai fala do carro do ano do vizinho e a mãe comenta que as despesas da casa são muito altas. Ah! Eles comem macarrão com carne moída.

A mãe (Esther): Ô menino, peste! Toma banho rápido que essa conta tá vindo muito cara. Tá achando que sua mãe é rica!?

Narrador (Kesley): OK. Em volta da mesa também se reúnem políticos. Eles comem caviar e tomam champanhe. Planejam qual projeto que podem desviar mais verba.

Voz político 1 (Natã): Eu acho que da educação é mais fácil desviar.

Voz político 2 (Camila): Que isso!? Da saúde é mais fácil e tem como pegar mais dindim porque os equipamentos da medicina são mais caros. A gente fala que vai comprar bisturi, mas manda o dinheiro todo pro Havaí. **(risadas)**

Narrador (Kesley): OK. Vamos voltar pra nossa mesa. Estamos hoje no Congresso Internacional do amor e o tema central da nossa mesa é a obra de arte de Leonardo da Vinci, A Última Ceia. Leonardo da Vinci foi pintor, escultor e inventor que viveu a mais de 500 anos atrás no período do Renascimento, um período de beleza na história da Arte. As esculturas imitavam exatamente o corpo humano, assim como esses braços. Esses são os nossos braços... Para o público que não sabe quem foi Leonardo da Vinci...

Comentadora (Carol): É aquele que pintou a Mona Lisa. A Mona Lisa é a expressão máxima da popularização.

(Entra Camila desfilando e tirando selfs – música da pantera cor de rosa)

A Mona Lisa é uma pintura retrato, o self mais comentado do mundo. A pose é incomum, a expressão indecifrável; e o sorriso já foi considerado como cruel, impiedoso, amável, ou mesmo, sereno. Apesar de ser mostrada numa pose nobre e altiva, está vestida de maneira simples.

Poliana: Ô gente deixa de ser besta! A Mona Lisa é essa mulher sem sal aqui. E a Última Ceia é esse desenho aqui. Jesus e os apóstolos comem pão e tomam vinho.

Narrador (Kesley): Depois de muitas conferências e reuniões chegamos numa conclusão sobre a principal personagem dessa obra, Jesus. E a conclusão foi que Jesus replicava amor. Por isso começo esse banquete propondo um jogo em volta da mesa. O que é o amor? O jogo é o seguinte: Eu falo uma palavra e vocês somam a palavra de vocês com a minha. Amor pra mim é...

Jogo acontece. Depois Ester pergunta ao público o que é amor pra eles. Escolhe duas pessoas da plateia, depois que as pessoas responderem ela entrega aos convidados flores.

Narrador(Kesley): Tomai todos e comei. Essa é a nossa comida. Esse é o nosso corpo e essa é a nossa bebida. Um brinde ao amor.

(Todos brindam) - Música – rap feito com o MC Monge

FIM!

Texto dramático 3

A INTRIGA DO GALO COM A RAPOSA

(Todos estão se posicionando pra tirar uma fotografia – Foto de time de futebol)

Velhinha: (A velhinha entra em cena carregando um tripé com uma máquina fotográfica) De Olegário Alfredo...

Todos: A intriga do galo com a raposa.

(Tiram a foto)

(Agatha e Gú se destacam do resto do coletivo, pegam o tambor e começam a fazer uma batida de funk – O coletivo se separa em Cruzeiro e Atlético – cada coletivo tem uma bandeira de seus respectivos times – juntamente com a batida de funk começa um embate de torcida – De um lado gritam galoooo e do outro zeroooo)

Velha: A intriga do galo e da raposa

É muito bastante antiga

Os dois nunca se turvaram

Vivendo em constante briga

A raposa fica sempre

Querendo encher sua barriga

Mas o galo espertalhão

Não dá chance pra raposa

O galo tem sua galinha

Que é a sua fiel esposa

A raposa traiçoeira

Não pega nem mariposa

Vou contar daqui pra frente

Como tudo começou

No campo do Mineirão

Cruzeirense e atleticano

Estavam em discussão

De saber qual o melhor

O time da região

(Disputa de grito de guerra das torcidas – Guerra de bolinha de papel):

Coro Galo: uuuuuu...é galoucura. É galoucura.

Coro Zero: ôoooooooo...zero. ôooooo...zero.

Narrador tipo Galvão Bueno (David): As torcidas já estão agitadas no gramado. E soltam a voz no Mineirão.

Aqui na Minas Gerais

Futebol lidera assunto

Muito mais que política

Religião ou defunto

Sabemos que nosso Estado

No futebol chega junto

Narrador (David): E com vocês o comentarista Casa Grande para falar do Time do Cruzeiro.

Comentarista do cruzeiro (Alef): O cruzeiro é um time

De porte fenomenal

Pode se considerar

O melhor da capital

Além de jogar futebol

Faz trabalho social

Narrador(David) : E agora a comentarista do Atlético, Natália Cesar Coelho.

Comentarista Atleticana (Natália): Em se tratando de bola

No cenário nacional

Para todos os mineiros

O Atlético é o maioral

Possui a maior torcida

(a torcida grita – galo)

Narrador (David): Os times estão bem representados pelos nossos comentaristas. E antes

de iniciar a partida vamos ouvir o comentário de uma das nossas telespectadoras. Na boca do povo.

Torcedora fanática do galo (Vanessa): O galo é devorador

E tem porte soberano
No jogo do bicho é treze
O da sorte sem engano
Salve o treze vencedor
Que traz garra todo ano.
A raposa ficou de fora
Do forte jogo do bicho
Deus pôs ela pelo mundo
Sem perdão e sem capricho
A caminhar pela terra
Balançando o rabicho.

Hinos do Zero e do galo (cantar junto ao áudio)

Hino Galo: Clube Atlético mineiro uma vez até morrer.

Hino do cruzeiro: Cruzeiro, cruzeiro querido tão combatido e jamais vencido.

Narrador (David): O arbitro inicia a partida. E eu quero ver pêlo com pena a voar.

Entra Gabí interpretando a juíza do jogo. Ela apita para começar o jogo. Mateus representando o cruzeiro e Nalberte representando o Atlético jogam bola. Começa uma briga no campo.

Jogador cruzeirense (Mateus): Seu viado... (Segue uma série de xingamentos homofóbicos)

Jogador Atleticano (Nalberte): Seu macaco... (Segue uma série de xingamentos racistas)

Juíza (Gabí): (Apita) Cartão vermelho para o seu racismo e cartão vermelho para a sua homofobia.

Termina o jogo

Narrador (David): Um jogo com muita confusão. Vamos aos nossos comentaristas. Casa grande...

Comentarista do cruzeiro (Alef): O jogo foi vergonhoso. Muito preconceito.

Comentarista Atleticana (Natália): Isso mesmo. Preconceito não pode existir no campo e nem no mundo. Uma vergonha...

Narrador (David): Vamos agora para o nosso câmera Mem. Qual a opinião do torcedor.

Caíque com uma câmera na mão pergunta a plateia o que eles acharam do jogo.

Música: Gabí toca violão, Guga e Agatha tocam tambor.

Uma partida de Futebol - Bola na trave não altera o placar

Bola na área sem ninguém pra cabecear

Bola na rede pra fazer o gol

Quem não sonhou

Em ser um jogador de futebol?

FIM!